



SAIA MENINA VENHA RATO

Uma adolescente, nascida numa ilha distante de tudo. Afastada pelo mar, isolada pelo gelo glacial que cobre todas as coisas por onde toca. Uma adolescente que sonha em conhecer um país caloroso, um lugar cheio de areia, fruta de todos os tipos, sol de manhã e sol a tarde, um lugar onde poderia provar várias comidas, sair às ruas de saia ou de short, onde poderia nadar numa piscina ao ar livre.

Trabalha para juntar um dinheiro e pagar a realização deste sonho.

Junta um monte de coroa islandesa e faz um depósito no banco de confiança. Busca na internet e escolas saber sobre programas de intercambio, bem como passagens e os melhores países para realizar este sonho tão antigo.

Consegue enfim encontrar o que precisa e já começa sonhar em voar pelos mais de 9 mil quilômetros que separam a Islândia do Brasil. Quando chega em sua caixa postal as informações de que foi aceita, dá um pulo de alegria e se imagina rolando pela areia de uma praia cheia de cocais banhada pelo Atlântico.

No mesmo dia começa a separar as roupas que trará para o Brasil, já sonhando com uma família maravilhosa, especial, “gente boa” como dizem que são os brasileiros.

Segue com sua família ao aeroporto da capital onde embarca num gigantesco avião para cruzar a distância dos dois lares, prepara tudo e chora com sua mãe, sua irmã e todos os outros que estão lá para se despedirem.

Ainda no portão de embarque volta a olhar para trás e joga um beijo para aqueles que ficaram. Adeus família, pensa ela em dizer, mas as palavras não saem.

Horas e horas se passam enquanto ouve música, assiste filmes, come e dorme dentro da aeronave. Já sobre solo brasileiro sente o coração pulsar mais forte, o medo do novo invade a jovem moça islandesa.

Cruza o portão da alfândega brasileira, já está em solo tupiniquim. Agora não tem mais como voltar. Embarca em outro avião, vai para longe das praias. “Oh, eu pensei que ficaria perto das praias”, pensa ela.

Quando desce em terras do novo lar, encontra a nova família toda feliz a esperando. Abraços, fotos e um novo começo.

Passam-se os minutos, horas, dias, e a convivência não era da forma que a moça sonhou, e então semanas se foram e diversos fatores contribuíram para que o sonho não fosse como planejado.

Depois de ajustes aqui, ajustes ali, uma ordem veio “vamos trocar de família” e assim aquele colegiado de mulheres fizeram o que tinham de fazer e a moça sonhadora da



Islândia foi para outro lar. Outra irmã, um novo irmão, outros pais. Tudo novo e o sonho retornou ao coração da sonhadora.

Novamente passaram-se os dias e as semanas voaram, rapidamente quando se começa a aprender uma nova cultura, uma nova língua, a sentir que os dias possuem acontecimentos felizes, realizações que satisfazem.

E aquela tristeza por ter deixado o lar natural para trás e não ter encontrado as tão sonhadas areias em seu caminho já não fazem tanta diferença assim. Lá se vão rapidamente mais alguns dias.

E então, antes que tudo acabe, surge no seio desta família um acontecimento que pode paralisar tudo e a todos. Uma menina, também ainda jovem, leva dúvida ao coração da mais velha.

Vou comer um chocolate, apenas um vou comer.

E assim, estica suas mãos ao encontro daquele objeto que numa forma estranha pode até ser um chocolate, mas não é e nada nele lembra uma saborosa barra de cacau.

Amargo sabor de uma ironia, uma brincadeira de criança faz a língua se encolher e não desejar o amargor daquela semente, uma semente, não de cacau, mas de girassol encantada com o poder de paralisar, de dormir, encantada com o poder de adormecer todo o corpo para o sempre, destinada não à uma pessoa boa mas a um roedor que se esconde por entre as frestas, através da podridão e da escuridão.

Mas isto não é chocolate, é sim, algo incrivelmente horrível, do mal, que entraria em meu corpo, apoderando-se de minhas células. Não isto definitivamente não é chocolate. Não. Não, não é chocolate.

Mas o bem passou por ai novamente e encontrou as inseparáveis irmãs abrindo seus olhos, olhando para seus corações e disse...

Ainda não se acabaram os dias, muitos ainda serão felizes e muitos sois ainda se levantarão a cada novo dia até o dia de embarcar de volta ao mundo frio, onde não encontrará areia, não verá o Sol de manhã, nem o Sol de tarde.

E então tanto uma como a outra proliferam sorrisos, gargalhadas pelos erros no mundo.

E quando em casa retornar, ao lar pisar, lágrimas certamente dos olhos cairão e das alegrias deste recanto o coração pulsará sabendo que felizes foram os momentos, mesmo os mais escuros e de tudo um sorriso retratará nos contos perante a lareira.

Walter Veroneze

07.04.2017